

PERDAS e AUSÊNCIAS... Dores e algo mais

Na mira da viagem encetada, como mola propulsora, a miragem dos ganhos; no rastro, como condição inerente ao ato de migrar, as perdas e ausências. "Trescientos dólares vas a ganar", é o que soava na mente do boliviano Federico, que acrescentou: "Entonces yo me animé para venir." Tempos depois, aqui em São Paulo, em tom de lamento dizia sua esposa Veridiana: "Ni yo puedo vestirme de la forma que puedo vestirme allá. Aquí todo el mundo me mira."

Este mesmo casal, em seu longo depoimento dado aos padres Sidnei e Mário, deixa o tempo todo transparecer como às perdas e ausências somam-se muitas dores: "Todo el mundo tiene un cuarto donde dormir, no me importa donde quedarme, la cuestión es que tenga una cama para dormir mis hijos." "Yo pasé llorando porque casi parece que el mundo se acabó para mi."

Não menos contundente é a história da família colombiana trazida por Tânia, Larissa e Belinda, na qual a mãe, fugindo de ameaças de morte, com medo, pede que seus três filhos sejam chamados pelos nomes por ela inventados aqui no Brasil. Neste caso, até o que há de mais próprio, aquilo que resiste a todas as perdas ao longo da vida - o nome - esvai-se.

Embora menos expostas, há outras dores, decorrentes da ausência, como a explicitada por Albano após descrever a trajetória familiar de migração, desde a vinda para o Brasil do avô até a presente emigração dos filhos, inclusive para o exterior onde estão "ralando" (trabalhando mais de um turno) em situação irregular: "A gente vê uma família formada para quê? Para ficar eu e minha esposa." A história de Albano soma-se a de tantos outros que, conforme demonstrado por Sidnei, há poucos anos ocuparam o norte do Paraná e logo na sequência passaram a presenciar a partida dos filhos.

Já num pequeno povoado mineiro, a ausência está na memória. Descendentes do cativo migrante tornados migrantes, penduram sua história, sua genealogia, nos de fora, incorporados ao grupo pela migração. Do próprio passado, não há lembrança. Diríamos nós: ausência de memória histórica. Dizem Eduardo e Flávia: Esquecimento escolhido, uma vez que lembrar é sinônimo de sofrer. Por isso, a criação de um museu e a preservação de uma sede de fazenda, longe de ser referência coletiva, constituem lembrança urbana, dos não-negros, que cultua um passado opulento. Coletiva é a recusa do grupo em reavivar a dor, para tanto, é preciso manter ausente a lembrança de tudo o que a evoca.

Por fim, não na ordem dos textos, pois a referência agora é ao primeiro, uma vez mais a palavra está com o migrante. Trata-se de Jude, a quem Thaddeus, em forma de relato com forte carga subjetiva, dá voz. Diferentemente do caso de Federico e Veridiana, cuja vida tão colada ao patamar da subsistência praticamente impede que a condição jurídica alcance o nível do discurso, Jude navega por ela com grande desembaraço, mas... Digamos antes, porém, quem é Jude: ele é homem, branco, oriundo dos Estados Unidos, classe média, formação universitária, casado duas vezes com brasileiras, enfim, "tipo" já denominado entre nós de "imigrante ideal". No entanto, sua história está envolta num emaranhado tal que chega até nós não só em forma de narrativa, mas também de denúncia e sátira. Trata-se da luta que Jude trava contra a ausência de reconhecimento dos seus direitos, não só por parte das leis e dos que estando do outro lado do balcão as representam, mas também e, principalmente, por parte de pessoas "esclarecidas" que continuam imaginando que o Brasil aceita o imigrante de braços abertos.

Dirceu Cutti